

Representações da subjetividade neoliberal em *Eu, empresa* (2021)

Representations of neoliberal subjectivity in *Eu, Empresa* (2021)

Eixo temático: Trabalho, emprego e plataformas digitais

RESUMO

Propomos fazer uma análise fílmica (AUMONT; MARIE, 2009) do longa-metragem *Eu, empresa* (diretores: Leon Sampaio, Marcus Curvelo, 2021) com o objetivo de compreender as novas subjetividades que são consequência da ascensão do neoliberalismo (DARDOT; LAVAL; 2016). Observamos que a individualização e o desamparo, marcas das subjetividades contemporâneas (CONCOLATTO; RODRIGUES; OLTRAMARI, 2017), estão presentes no filme, associadas às atuais formas precarizadas de trabalho.

Palavras-chave: subjetividade neoliberal; cinema brasileiro; *YouTube*.

ABSTRACT

This paper consists of a film analysis (AUMONT; MARIE, 2009) of the feature film *Eu, Empresa* (directors Leon Sampaio and Marcus Curvelo, 2021) in order to understand the new subjectivities that come as a consequence from the rise of neoliberalism (DARDOT; LAVAL, 2016). We observe that individualization and helplessness, marks of contemporary subjectivities (CONCOLATTO; RODRIGUES; OLTRAMARI, 2017) are part of the film, associated with the current precarious forms of work.

Keywords: neoliberal subjectivity; Brazilian cinema; YouTube.

O trabalho, uma das atividades mais importantes na vida dos sujeitos, não poderia deixar de ser uma temática recorrente no cinema. Ao longo da história, alguns filmes se tornaram clássicos retratando a exploração laboral, como o longa-metragem *Tempos modernos* (dir. Charlie Chaplin, 1936). Os “tempos contemporâneos” exigem novas problematizações, pois o capitalismo flexível (SENNETT, 2006) trouxe à tona outras discussões na medida em que surgiu um tipo de trabalhador que não se enxerga como precarizado (CASTRO, 2013). Tendo em vista a ascensão das políticas neoliberais, propomos como problema de pesquisa a questão: como o filme *Eu, empresa* representa a *subjetivação neoliberal* (DARDOT; LAVAL; 2016)?

Em *Eu, Empresa* (dir. Leon Sampaio e Marcus Curvelo, 2021), o protagonista Joder é um jovem desempregado que deseja construir uma carreira como *Youtuber*. *YouTube* é uma empresa com sede na Califórnia que se relaciona diretamente com as novas formas de trabalho do mundo neoliberal, uma vez que a pessoa pode gerar monetização para uma plataforma de “patrões invisíveis”. Lançado em 2005, o site que possibilita o upload de vídeos passou a ser “palco” para novas celebridades produtoras de conteúdo audiovisual, os *youtubers*. O próprio título do filme aponta

para a tendência contemporânea que vem substituindo as antigas formas de trabalho, o autoempendedorismo: “há uma exigência de que o trabalhador faça uma autogestão do tipo empresarial, responsabilizando-se por sua própria produtividade, ganhos e perdas, e empregabilidade, de forma cada vez mais individualizada” (CONCOLATTO; RODRIGUES; OLTRAMARI, 2017, p.35).

Enquanto não alcança sucesso como *Youtuber*, o personagem Joder tenta trabalhar como freelancer. Nas modalidades de trabalho atuais, o indivíduo precisa utilizar recursos próprios para realizar os *jobs* (jargão para trabalhos esporádicos). Para um dos *jobs* (no trecho de minutagem 27min55segs), um vídeo de operários em uma construção, o “patrão” pede para Joder fazer imagens com um drone, equipamento caro que ele não tem condições de comprar. Em seguida, no trecho 36min42segs, Joder descobre que o seu carro estragou, o que se torna um problema grande pois é o meio que ele utiliza para se deslocar e gravar conteúdo para o seu canal do *YouTube*.

Por meio da análise fílmica (AUMONT; MARIE, 2009) observamos que há mais de uma situação de precariedade tensionada no filme. Joder filma operários (classe sub-remunerada) e também entregadores por aplicativos (*apps*), uma das mais novas formas de exploração laboral. Um dos trabalhadores de *apps* afirma “se a gente tivesse a oportunidade de *tá* empregado, carteira assinada, tudo certinho, *cê* acha que a gente tava rodando?” – tal expectativa (trabalhar com carteira assinada) não está no horizonte de Joder, que “abraça” o discurso do empreendedor de si mesmo. Ao gravar um vídeo para o seu canal no *YouTube*, ele discursa: “Então pessoal, eu queria falar um pouco hoje sobre a experiência que tive de trabalho, *né*. Eu tive um chefe, meu último chefe, ele me falou uma coisa muito importante que me impactou muito, disse que eu não tinha espírito empreendedor (...), mas eu acho que com o pensamento positivo, com estratégia, com um novo *mindset* a gente consegue mudar essas coisas”.

Com o crescimento da informalidade e a difusão do empreendedorismo como oportunidade, perde-se o mecanismo que garante proteção ao trabalhador: “a carteira assinada, por meio do contrato formal, é o principal garantidor de benefícios de bem-estar social e direitos trabalhistas” (VACLAVIK; OLTRAMARI; OLIVEIRA, 2022, p. 250). Na tentativa de ganhar algum dinheiro, Joder trabalha esporadicamente para uma empresa estadunidense chamada *Eagle Corp*, que decide desligá-lo depois que ele não realiza o *job* de forma satisfatória. A fictícia *Eagle Corp* se insere no mercado laboral digital: “nesses mercados, grandes empresas multinacionais passam a mediar relações laborais por meio de plataformas on-line, utilizando o trabalho informal” (VACLAVIK; OLTRAMARI; OLIVEIRA, 2022, p. 249). Quando Joder tenta entrar em contato com os donos da empresa, não consegue acessar nada além de mensagens gravadas. Ele revela então que trabalhou para a empresa durante dois anos, e pede “sensibilidade com a sua condição”. Nessa cena, vemos

Joder falando no celular com uma “imagem de fundo” da cidade de Nova York, com seus prédios enormes e seus *outdoors* publicitários. Dessa forma, visualizamos a questão do trabalho remoto na era digital, ao mesmo tempo um facilitador e um mecanismo que torna mais difícil que o trabalhador exija seus direitos. A falta de vínculos (como mostra o desligamento súbito) dessas empresas gera grande apreensão nos trabalhadores: “o avanço tecnológico e as novas organizações do trabalho não trouxeram o fim do trabalho penoso; ao contrário (...) trouxeram formas de sofrimento qualitativamente mais complexas e sutis, sobretudo do ponto de vista psíquico” (LANCMAN, 2004, p. 33).

Insistindo na carreira de criador de conteúdo, Joder participa de uma espécie de palestra sobre ser *youtuber*. Um dos palestrantes diz: “Eu me pergunto, o que você vende? Hoje em dia *tá* se consumindo de tudo...”. Esse fenômeno atual, que abrange novas reestruturações produtivas, é explicado pela pesquisadora Isleide Fontenelle em seu artigo *Prosumption: as novas articulações entre trabalho e consumo na reorganização do capital*:

é a promessa de enriquecimento, a partir de exemplos desses bem-sucedidos empreendedores de si mesmos, que acaba colocando na rede uma multidão de trabalhadores culturais que, na esperança de serem “descobertos”, usam a mesma retórica do desprendimento, da vocação pela arte, da procura por formas alternativas de vida e trabalho, enquanto alimentam cocriativamente grandes corporações (FONTENELLE, 2015, p. 89).

Após alguns fracassos em *jobs*, Joder consegue finalmente sucesso como *youtuber* de uma forma bastante inusitada. Ele grava um vídeo elogiando a famosa *youtuber* Mariana Rios, que agradece Joder em seu canal. A partir disso, o número de visualizações no canal de Joder dispara rapidamente. Ele comemora o aumento do número de seguidores (pessoas que se inscreveram no seu canal de *YouTube*) em diferentes cenas: numa está correndo na rua e agradecendo os mil novos seguidores, em seguida ele está na praia onde escreveu na areia *Somos 3K¹*. Na cena seguinte, Joder aparece numa piscina abrindo um espumante e comemorando os 10K. Essa progressão é interrompida pela cena final do filme em que Joder está sentado no chão com as pernas cruzadas. Depois de respirar fundo, com o semblante entre o sério e o sereno, Joder pede desculpas aos seus seguidores, numa simulação do que se tornou habitual no mundo das celebridades da internet. Nada é esclarecido a respeito do suposto erro de Joder, mas a mensagem final se refere aos mecanismos escusos de inclusão e exclusão do trabalho no mundo contemporâneo.

A partir dos anos 2000 foram lançados diversos filmes nacionais que problematizam as relações de classe no Brasil, como *Um lugar ao sol* (Gabriel Mascaro, 2009) *Trabalhar cansa* (Juliana

¹ 3K equivale a 3 mil.

Rojas e Marco Dutra, 2011), *O som ao redor* (Kleber Mendonça Filho, 2012), *Casa grande* (Fellipe Barbosa, 2015) e *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015). Entre esses filmes citados, podemos apontar algumas semelhanças como as relações tensionadas entre patrões e empregadas domésticas, por exemplo. No caso de *Eu, empresa*, há a novidade da precarização do trabalho no meio digital, problema que resulta em impactos na saúde mental dos indivíduos e que exige cada vez mais análises de pesquisadores por vieses multidisciplinares.

Referências:

AUMONT, J.; MARIE, M. **A análise do filme**. Lisboa: Texto & Grafia, 2009

CASTRO, C. A. **Crítica à razão empreendedora**: a função ideológica do empreendedorismo no capitalismo contemporâneo. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Jurídicas e Sociais). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, Universidade Federal Fluminense, 2013.

CONCOLATTO, C. P.; RODRIGUES, T. G.; OLTRAMARI, A. P. Mudanças nas relações de trabalho e o papel simbólico do trabalho na atualidade. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 4, n. 9, p. 340–389, 24 ago. 2017. Disponível em: <<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/3254>> Acesso em: 19 mai. 23

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo** – ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016

FONTENELLE, I. A. Prosumption: as novas articulações entre trabalho e consumo na reorganização do capital. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n. 1, 18 maio 2015. Disponível em: <revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2015.51.1.09> Acesso em: 27 abr. 23

LANCMAN, S. O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. *In*: DEJOURS, C. **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2004

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006

VACLAVIK, M. C.; OLTRAMARI, A. P.; OLIVEIRA, S. R. de. Empresariando a informalidade: um debate teórico à luz da gig economy. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, v. 20, n. 2, p. 247–258, 2022. DOI: 10.1590/1679-395120210065. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/85536>>. Acesso em: 29 mar. 2023.